

A Psicanálise e o Tempo e o Tempo na Psicanálise

Carmen Da Poian

Outubro/2016

Vou colocar, muito brevemente, aspectos fundamentais da relação do Tempo com a Psicanálise e da Psicanálise com o Tempo.

O tema da Jornada – “Recordar, repetir e elaborar hoje” – levou-me a tal reflexão.

E, gostaria de dizer que esta pequena reflexão tem a ver, não só com a Psicanálise em extensão, como diz Lacan, mas com o trabalho que exercemos em nossos consultórios, não com os pacientes graves, mas com os pacientes ditos neuróticos (que ainda existem...) e que nos procuram. E, no final, vou tentar dar alguns exemplos de minha experiência clínica.

Há um tempo histórico da cultura e a psicanálise está dentro dele. E, há também um tempo próprio do inconsciente singular onde ela também se situa e que é o tempo fundamental de sua teoria e de sua clínica.

A questão é: como conciliar esses dois aspectos temporais? É possível conciliar o individual e o social?

Segundo Freud, vemos que o psiquismo traz, em si, várias modalidades de tempo e a estruturação da subjetividade leva em conta diferentes princípios temporais ordenadores da consciência e do inconsciente. Muitos desses princípios nos atravessam e também nos determinam.

Apesar do tempo do Inconsciente singular ser diferente do da grande História e da Cultura é inegável que a aceleração da atualidade devido, sobretudo, ao avanço da tecnologia, impõe mudanças na subjetividade e, dentro delas, mudanças no próprio inconsciente – tanto em seus primórdios quanto em seu desenvolvimento. Mas, em sua estrutura, permanecerá sempre algo que falta e que impulsiona adiante.

Tomemos o desenrolar da História humana e as modificações que ela traz desde o tempo objetivo de observação dos fenômenos naturais, passando pelo tempo físico e corporal das colheitas, que marcavam as estações até chegar, muito depois, ao tempo subjetivo das sensações e das percepções, da consciência da finitude e das perguntas sobre o sentido da vida. Aí, coloca-se a questão da memória (que dilata a consciência em relação

ao passado) e também o alargamento do tempo, em relação ao futuro (cada vez mais orientado pela tecnociência). Passa-se pela tentativa de união do tempo físico com o tempo subjetivo e com o tempo social e enfrenta-se uma difícil aporia. Tempo da natureza x tempo da ciência; tempo da quantidade x tempo vivido; tempo pessoal x tempo da cultura.

Freud nos traz a coexistência dessas diferenças temporais na subjetividade psíquica, articulando consciência e inconsciente, presença e ausência, permanência e mudança, continuidade e descontinuidade, exterior e interior, realidade e prazer, biologia e cultura.

Ora, isto se torna cada vez mais complexo pela importância que adquire o tempo objetivo em nossa era capitalista, que converte o tempo em mercadoria. Algo que se ganha, se vende, se compra, se gasta. O tempo se torna dinheiro e o domínio do “divino mercado” atravessa os conflitos mais íntimos, invadindo também a técnica psicanalítica em vários pontos: a pressa do analisando, a complicação dos horários, o número de sessões, a demanda de análises breves, etc. Tenta-se “economizar” o tempo, muitas vezes, até para desperdiçá-lo ou para consumi-lo.

Sabemos que, para que o trabalho da psicanálise se faça, é necessário levar em conta outra abordagem. Segundo Freud, tempo de inscrições a serem decodificadas, tempo de repetições sucessivas, tempo de construir compreensões ou, como diz Lacan, tempo do instante de ver, tempo de compreender e momento de concluir. Tempo sem pressa, de paciência, de decifração, de espera onde o mesmo se sucede, chegando a elaborações que ocorrem lentamente, levando a certa apreensão (nunca toda) de algo que escapa. E quando ela não é feita, a construção do analista pode supri-la. Tempo como duração e como processo contínuo, do qual nos fala Winnicott, mas também tempo descontínuo de rupturas e de reorganizações, de aberturas e de fechamentos do qual nos fala Lacan. Tempo de cada um, singularmente, mas sempre inserido no tempo da cultura que, hoje, é submetida às leis do mercado, excluindo o que não é rentável.

É nesta coexistência de ordem e desordem que aparece o que é próprio do inconsciente singular, algo atemporal, lógico, inverso, paradoxal, onde o efeito precede a causa, onde o oculto desencadeia a produção sintomática relativa ao que lá já estava e que “só depois, só “a posteriori”, retorna. O efeito visível denuncia a invisibilidade da causa, sendo que é esta que interessa e que direciona nosso trabalho.

Nossa questão é como juntar tempo objetivo, tempo social, tempo singular que coexistem na vida psíquica, um penetrando o outro. Determinados por um e transformados pelo outro, vivemos um mal-estar sempre presente no sentimento de um Eu, onde é pensando que existo, mas onde também é quando não penso que sou.

- Creio que é preciso saber escutar, respeitar, fazer dessa fronteira que nos constitui entre o real do inconsciente e a realidade onde nos encontramos; não um limite nem uma simples passagem, mas uma junção. E isto porque, como mostra muito bem Jean-Pierre Lebrun, o inconsciente que a psicanálise visa desvendar é, desde o início, formado por traços da espécie humana (forças que incluem nossa capacidade de linguagem), por traços dos primeiros outros que nos cercam e por traços da sociedade e da cultura às quais pertencemos e que estão em constante mutação. Portanto, no inconsciente coexistem traços de nossa constituição biológica, traços da família e traços da sociedade.
- Na sociedade de hoje predomina o individualismo narcísico que tudo pode e onde qualquer diferença procura ser negada. O que vale é a afirmação de si. Tempos escuros de violência generalizada, violência econômica, social, política e militar. Sociedade, não mais do recalque da sexualidade como a de Freud, mas de sua demasiada explicitação. Sociedade da tecnologia que cria uma novilingua (termo criado por George Orwell, em sua obra *1984* e que tem a ver com a língua enquanto é assujeitada à racionalidade econômica e tecno-científica). Sociedade que busca, sem cessar, evitar a dor e negar o sofrimento, preenchendo, rapidamente, as perdas e tentando esquecer a morte.

Não parece possível pensar o inconsciente do sujeito atual sem levar em conta as enormes transformações presentes no mundo de hoje. Mundo de novas subjetividades, como dizemos. E como poderia não sê-lo se estamos experimentando a influência do “humor” do mercado (como se diz...) expresso na própria linguagem, se vivenciamos o fim de referências transcendentais, se nos deparamos com as possíveis mudanças de sexo (transgêneros, não binários, fluidos, etc) e se lemos sobre a experiência da geração de bebês não só mais em vítreo, mas agora também a partir de três genitores e tantas outras novas vivências que nos causam perplexidade? Como pensar, atualmente, a metapsicologia

freudiana elaborada no início do século XX? Hoje, com a flacidez do chamado superego, as pulsões e suas descargas estão cada vez mais livres e a importância adquirida pelo imediato e a negação de qualquer renúncia é cada vez maior. Faz-se necessário admitir que o inconsciente, em sua estrutura primeira, sofre modificações, na medida em que se articula o singular com o coletivo, o que permite a questão: que Psicanálise, então, é esta dos dias atuais?

- Concorde-se que é necessário repensar sua teoria (o que tem se mostrado bastante difícil), sua prática (que vem se adaptando) e seus sintomas: depressões, ansiedades, pânico, hiperatividades, drogadições, fraturas de laços sociais, etc. E a questão do tempo entra também aí.
- Vou me ater à Clínica onde, em um primeiro olhar, permanece algo fundamental: a experiência da transferência. Embora ela esteja sempre presente nas relações intersubjetivas, na Psicanálise tem um lugar especial e precisa ser entendida, não com o uma simples relação de afeto (embora este esteja presente), mas como instrumento fundamental de nosso trabalho, sendo aquilo que o torna possível. E, para que este instrumento possa funcionar é importante que o analista tenha uma posição neutra, se posicione num certo estado de frustração, no dizer de Freud, conservando uma distância necessária e não uma relação dual com o paciente, o que levaria a um estado indesejável de dependência. Transferência que exige uma grande riqueza de vida, uma profunda análise do analista e uma boa formação que, tal como recomenda Freud, deveria se abrir para outras disciplinas, tais como História, Antropologia, Sociologia, pela transferência e na transferência, que poderemos juntar e aprofundar através de uma ampla escuta, os traços do inconsciente primordial com os novos traços, que marcam o inconsciente atual. É através de uma escuta que será possível não reduzir o tempo objetivo ao subjetivo, mas agregá-los num encontro que tem hora marcada, dias determinados e onde, portanto, a realidade com as circunstâncias que ela nos impõe, é levada em conta, convivendo ao lado do real que se busca e se contorna.
- A transferência é também um lugar onde duas subjetividades mergulham numa dimensão única, quase mágica, um tanto misteriosa como diz Winnicott, onde a história

singular aparece por repetições sucessivas, juntando-se a ela as marcas. Cultura que, muitas vezes, também impede de se ir adiante. E impede, não por repetições, mas por paralisias, provindas da falta de direção, da falta de projetos, da desaparecimento de pactos de confiança (que, cada vez mais, são substituídos por contratos jurídicos), da busca de segurança mais do que de liberdade, como diz Bauman. Tudo isto desencadeando medos excessivos e intensificando o desamparo presente desde sempre, desde nosso nascimento. E vemos, até, que a própria força da transferência analítica pode ser deslocada, atualmente, concorrendo com o aparecimento de uma nova “profissão” em nossa sociedade: os “coachs” que sustentam o ego de cada um para que defenda seus interesses.

Portanto, transferência, então, como instrumento de se refazer, mas também de se situar...

- Mas, acredito que o analista, sabendo bem escutar as diversas dimensões temporais que convivem dentro dele e dentro de seu paciente, poderá ajudar o vir-a-ser da consciência de si e da consciência do mundo e a difícil sustentação do desejo neste mundo atual.
- Creio que é este o **Eu** a ser buscado: o eu de si e o eu de suas circunstâncias, aquelas que levam às novas subjetivações (que chegam a nossos consultórios enquanto ainda neuróticos...)
- Talvez o que precisemos sempre, e cada vez mais, não é, simplesmente, de mais tempo neste mundo acelerado, mas, no dizer de Mia Couto, o que precisamos é de um tempo mais nosso que possibilite alargar nossos horizontes e a nos tornar mais donos de nós próprios neste mundo em que vivemos. E é isto que o trajeto psicanalítico deverá proporcionar, pela junção das diferentes dimensões temporais, todas constitutivas de nosso Eu.

É nisto que eu acredito: num recordar, repetir e elaborar e construir que reconheça as transformações que o atual tempo objetivo da tecnociência e dos números econômicos, que invadem o social, impõem ao tempo subjetivo da história de cada um. Esta será sempre atravessada pelo Grande Outro que, do mesmo modo que pode proporcionar boas descobertas, pode também levar a tantos mal-estares quanto nos levam nossas repetições

sintomáticas, impedindo o advir do sujeito pretendido pela Psicanálise. Diz Michel Foucault, que o discurso da Cultura não se opõe ao inconsciente, mas se opõe a um segredo oculto na Cultura, um poder que vai além do próprio inconsciente do sujeito. Diz ele, “este segredo talvez seja mais difícil de se revelar do que o próprio inconsciente”...

Terminando, eu diria que, certamente, não foi por acaso que Freud, sempre atento às histórias de seus pacientes, foi percebendo a influência e as transformações dessas histórias pela grande História (presentificada pelo Nazismo em sua época – tal como pelo Capitalismo financeiro na nossa –). E terminou sua obra refletindo sobre “O mal-estar na cultura”...

Carmen da Poian

carmendapoian@gmail.com